

editorial

Treize – j’eus un plaisir cruel de m’arreter sur ce nombre.

MARCEL PROUST

Às vésperas de seu *début*, já que completando catorze anos de existência, é com uma espécie de “prazer cruel” que trazemos a público o décimo terceiro número de *Cadernos de Campo*, revista editada pelos alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP.

O número treze sempre esteve associado ao infortúnio, à falta de sorte, ao risco, ao perigo. De fato, contando com uma comissão editorial quase que inteiramente renovada e ainda neófitas nas artes da editoria, os riscos e perigos que corremos na formatação desse número foram imensos. Daí aquele prazer cruel, fórmula paradoxal que talvez reflita o nosso sentimento como jovens editores, preocupados em realizar um trabalho condizente com a já consolidada tradição da revista, em meio às dificuldades impostas ao longo dessa iniciação. É certo que, durante o processo, contamos com gentis oficiais, antigos editores sempre dispostos a nos ajudar na superação dos percalços dessa jornada.

Mesmo estando sob um signo malfazejo, ou mesmo por estar sob ele, arriscamos algumas inovações na revista. A começar pelo projeto gráfico, procurando acertar minúcias e incorporar as alterações feitas nos últimos cinco anos, num trabalho de passar a limpo aquilo que foi acumulado nesse período. Este esforço está presente também nas esquecidas “Instruções para colaboradores” ao final da revista, onde procuramos tornar as informações mais objetivas, eliminando algumas ambigüidades

constantes nas versões anteriores. Tais alterações têm como norte os critérios *Qualis* (CAPES) de avaliação dos periódicos científicos, na tentativa de manter a boa avaliação que tivemos em 2004.

E já que revisávamos a revista, arriscamos algumas ampliações nas seções que compõem a *Cadernos de Campo*. Essas dizem respeito ao número de traduções apresentadas nesta edição e, especialmente, à seção de artigos, que passa a contar também com ensaios teóricos, exercícios que jovens antropólogos têm empreendido em conjunto com suas pesquisas empíricas. Já a seção batizada com o poético nome “Artes da vida” – criada inicialmente para valorizar outras linguagens que não o texto acadêmico, mas que nos últimos números restringiu-se aos ensaios fotográficos de pesquisadores em seus campos de pesquisa –, está agora aberta para outras produções visuais que possam iluminar o debate antropológico por novos e surpreendentes ângulos, no intuito de retomar a sua proposta de origem. Nossa nova política editorial também consagra às entrevistas uma outra dinâmica, uma vez que aceitaremos, para o próximo número, colaborações de outros pesquisadores, não apenas dos membros da própria comissão editorial. Uma última ampliação diz respeito à possibilidade da eventual publicação de trabalhos em língua estrangeira (espanhol, francês e inglês), com o intuito de expandir o leque de colaboradores da revista, sobretudo nossos vizi-

nhos hispano-americanos. Para usar uma fórmula consagrada neste espaço: *Novos tempos, novos desafios!*

Mesmo que fiéis ao objetivo de apresentar a variedade de temas com os quais lidam os antropólogos do Brasil e do exterior, o presente número traz trabalhos de autores ligados não só aos programas de pós-graduação nas ciências sociais, mas também de colegas da área da saúde, campo de estudos que há muito tempo flerta com a antropologia. É com grande prazer que publicamos tais trabalhos, e nos colocamos assim abertos às contribuições que, em diálogo com a nossa disciplina, propõem-se a ver o mundo a partir de outras paragens. Assim, o artigo que abre esta edição, “Vestindo o jaleco: reflexões sobre a subjetividade e a posição do etnógrafo em ambiente médico”, de Lilian Krakowski Chazan, discute os procedimentos de pesquisa que resultaram em seu trabalho – acerca da construção do feto como Pessoa, mediada pela tecnologia da imagem – a partir da ambigüidade de suas identidades como pesquisadora, médica e antropóloga.

Já o texto de Maria Angela Gemaque Álvaro, “Os caminhos da memória”, nos leva ao modo com que foram elaboradas as memórias sociais de duas famílias consideradas tradicionais em Belém (PA). A autora desvenda, pela análise de depoimentos orais e de versões escritas dessas histórias de família, como se dá a construção de lembranças, de relações entre passado e presente.

Por sua vez, Marisol Rodriguez Valle em “Ipanema e suas modas: passado X presente” reflete sobre como os livros e a imprensa criaram representações sobre Ipanema, comparando compreensões, passadas e atuais, deste bairro carioca sobre modos de vida, percepções de mundo, ícones e espaços de sociabilidade.

Madian de Jesus F. Pereira, em seu artigo “‘Filhos do Rei Sebastião’, ‘Filhos da Lua’: construções simbólicas sobre os nativos da Ilha

dos Lençóis”, nos revela diferentes construções sobre os albinos da Ilha dos Lençóis (MA), ao analisar as práticas discursivas acerca desses ilhéus levando em consideração um “universo de fora” e um “universo de dentro”.

O texto de Melissa Santana de Oliveira, “*Nhanhembo’é*: infância, educação e religião entre os Guarani de M’Biguaçu, SC”, apresenta o modo com que três espaços de socialização infantil – as rezas, o coral e a escola – foram pensados pelas lideranças locais, tendo em vista a participação ativa das crianças no processo de “valorização da tradição” deste grupo Guarani.

Temos ainda o exercício etnográfico de Renata Bortoletto Silva, intitulado “*Oloniti* e o castigo da festa errada: relações entre mito e ritual entre os Paresi”, que descreve o *Oloniti*, ritual intercomunitário, e um mito Paresi, *O castigo da festa errada*. As relações de simetria e inversão entre mito e rito possibilitam analisar códigos que governam relações sociais, cujos valores são a reciprocidade e a predação.

Partindo das mudanças provocadas na arte à época das alterações dos meios de percepção da mesma na contemporaneidade, o ensaio de André-Kees de Moraes Schouten e Giovanni Cirino, “Relendo Walter Benjamin: etnografia da música, disco e inconsciente auditivo”, retoma as reflexões de Walter Benjamin, Theodor Adorno e Marcel Mauss, visando pensar as possibilidades de uma etnografia da música a partir de materiais fonográficos.

Fechando esta seção, Renato Sztutman em “Imagens perigosas: a possessão e a gênese do cinema de Jean Rouch” procura compreender a obra de Jean Rouch a partir do filme *Les maîtres fous*, já que é nele que esse cineasta traz, pela primeira vez, uma discussão mais apurada sobre a linguagem do filme etnográfico. Enquanto Jean Rouch reflete sobre imaginário e realidade, o autor costura uma outra, acerca do cinema e suas relações com a antropologia.

A seção “Artes da vida”, por sua vez, se abre a todas as possibilidades da arte – incluindo a dúvida e o dissenso em relação a ela – ao apresentar “folhinhas” de *pixadores* paulistanos, material de pesquisa recolhido por Alexandre Barbosa Pereira. O autor chama a atenção para a forma dada, pelos *pixadores*, às letras usadas para inscrever suas marcas, bem como os suportes desse tipo de intervenção – os espaços urbanos e as “folhinhas” trocadas entre *pixadores*, um modo de buscar perenidade a um tipo de intervenção efêmera –, visto essencialmente como poluição visual.

Já nossa entrevista foi realizada com Peter Fry, antropólogo que desde os anos 1970 se inseriu no debate brasileiro estudando temas relacionados a questões raciais, gênero e religião. O mote da conversa foi dado pelo lançamento de *A persistência da raça*, livro que reúne textos sobre o trabalho do autor em Moçambique, no Zimbábue e no Brasil. Na entrevista, Fry tratou de pontos polêmicos que estão em pauta na produção antropológica contemporânea, como as políticas públicas específicas para a população negra. Além de tantas experiências compartilhadas e problematizadas, Peter Fry também nos forneceu a imagem da capa desta edição, feita em sua pesquisa de campo entre os Zezuru nos anos 1960.

Neste número 13, apresentamos, como já mencionado, duas traduções. Seguindo um procedimento consagrado da revista, apresentamos textos ainda inéditos em português, tornando-os mais acessíveis principalmente aos alunos dos cursos de graduação. Com essa prática, buscamos divulgar trabalhos de autores importantes para a nossa disciplina. Nesta seção, ainda contamos com a colaboração de professores que se propuseram a apresentar o material traduzido e, desta maneira, apontar para a relevância das reflexões de cada autor para o debate antropológico. Assim, o texto “Ser afetado”, da antropóloga francesa Jeanne

Favret-Saada, foi traduzido por Paula Siqueira e conta com uma apresentação de Márcio Goldman. Já “Dewey, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência”, de Victor Turner, foi traduzido por Herbert Rodrigues e é discutido por John Cowart Dawsey.

As resenhas de Marcelo Tadvall e Ronaldo Lobão, por sua vez, visam apontar para a relevância da leitura dos livros de Bernardo Lewgoy, *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*, e de Johannes Fabian, *The Time and the Other: how anthropology makes its object*.

Por fim, nossa última modificação para atender as exigências dos critérios *Qualis* foi a reformulação de nosso Conselho Editorial. Esse espaço agora agrega especialistas não apenas da nossa própria casa, mas privilegia o diálogo com professores de diferentes instituições acadêmicas, brasileiras e internacionais. Gostaríamos, portanto, de agradecer o interesse dos novos conselheiros que ao aceitar nosso convite, passaram a partilhar conosco – tentando aprimorar, sempre – a *Cadernos de Campo*.

Ao ver a *Cadernos* 13, assim, pronta, só nos resta agradecer aos autores que, acreditando em nosso projeto editorial, confiaram seus trabalhos em nossas mãos, e aos pareceristas externos que, com rigor e generosidade intelectual, nos auxiliaram na escolha dos textos aqui apresentados. Ademais, uma série de pessoas nos ajudou a materializar essa edição. Agradecemos a colaboração da Prof^a Bela Feldman-Bianco, que nos forneceu a lista completa dos critérios *Qualis* (CAPES); ao Prof. Peter Fry, que gentilmente nos concedeu a entrevista e cedeu a imagem da capa; ao Prof. Julio Assis Simões, que nos ajudou a organizar a entrevista com Fry; ao Prof. Márcio Silva, editor chefe da *Revista de Antropologia*, que forneceu dicas preciosas para o trabalho editorial; à Prof^a Lilia Moritz Schwarcz, que nos ensinou sobre os meandros de direitos de tradução; e aos professores José Guilherme Magnani e Vagner Gonçalves da Silva, que,

em nome do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), colaboraram financeiramente para a publicação deste número. Por fim, mas não menos importantes, deixamos os agradecimentos às professoras Beatriz Perrone-Moisés e Paula Montero, respectivamente ex e atual responsáveis

pela coordenação Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP. Foi graças ao apoio dado nesses 14 anos por esse programa que a revista existe e será com a intenção de melhorá-la ainda mais que continuaremos nesse prazeroso, porém cruel, ofício editorial.